



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

KOPLÁG: O RITUAL DE PREVISÃO XOKLENG/LAKLÃNÕ

Acir Caile Pripra

Florianópolis, 2020.

Acir Caile Pripra

KOPLÁG: O RITUAL DE PREVISÃO XOKLENG/LAKLÃNÕ

Artigo apresentado para obtenção de grau do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, na Terminalidade Conhecimento Ambiental, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Licenciado, sob orientação da Profa. Ma. Silvia Maria de Oliveira.

Florianópolis, 2020.

Acir Caile Pripra

KOPLÁG: O RITUAL DE PREVISÃO XOKLENG/LAKLÃNÕ

Este Artigo de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do sul da Mata Atlântica

Florianópolis, 12 de fevereiro de 2020.

Prof. Dra. Evelyn Martina S. Zea
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Ma. Silvia Maria de Oliveira
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Dr. José Antônio Kelly Luciani
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA
MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos12..... dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 10:30 horas, na Sala do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor Orientador Silvia Maria de Oliveira e Presidente, Professor Kercia P.F. Peixoto, Membro da Banca, e Professor, José A. Kelly Luciani Membro da Banca, designados pela Portaria nº 35/2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Acir Caile Prisca subordinado ao título: Kóplag: ritual de previsão do Povo Xokleng/ Waklano

Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Kercia Peixoto a nota final 10, do Professor José Kelly Luciani a nota final 10, e do Professora Silvia Maria de Oliveira a nota final 10; sendo aprovado com a nota final O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDFa e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 12 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. emolma

Prof. J. Kelly

Prof. Kercia Priscilla Figueiredo Peixoto

Candidato Acir Caile Prisca



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico(a) Acir Caile Pripra, matrícula n.º 161051911, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Kõpläg: ritual de previsão do Povo Xokleng/Laklãnõ, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2020.

Orientador(a)

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pripra , Acir Caile
KÓPLĀG : RITUAL DE PREVISÃO DO POVO XOKLENG/LAKLĀNŌ /
Acir Caile Pripra ; orientador, Silvia Maria de
Oliveira, 2020.
21 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. Ritual. 3. Laklānō. 4. Xokleng. I. de
Oliveira, Silvia Maria. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da
Mata Atlântica. III. Título.

KÓPLÁG: RITUAL DE PREVISÃO DO POVO XOKLENG/LAKLÃNÕ

Acir Caile Pripra

Resumo

Este estudo trata sobre o kóplág, que é um ritual de previsão, sagrado para o Povo Xokleng e essencial para a sua sobrevivência ao longo da história. Esse ritual prenuncia acontecimentos futuros, como também: o melhor caminho, a melhor caça, o melhor local para a coleta de alimentos e, ainda, o melhor desvio dos inimigos. No entanto, atualmente, encontra-se em desuso, devido ao intenso contato com os não indígenas e, em especial, à interferência da religião evangélica. A pesquisa foi realizada a partir da convivência e das entrevistas com alguns anciãos que vivem na Terra Indígena Laklãnõ, localizada na região do Vale do Itajaí, em Santa Catarina.

Palavras-chave: Ritual. Laklãnõ. Xokleng.

Vâbel katxin

Ënh vâbel tóg te kóplág to ãnh vâbel vã. Ta vũ ag mō tō dén jójy tẽ. Tóg ha to óg nõ u tẽ vã, kabel vã. Ta vũ vãzo ag józẽn ke mẽ ven ké ke mũ . Vãzo óg ã mũnh ke u tẽg na ve jé han ké ke mũ, kũ vel vãzo akle kabág ve jé, dén jógy ki vâl tũg jé , ã tá ã jãn kabág tẽ nã ve jé. Kũ jãgló ag nõ tóg te ki nã vaha han ban vanh kũ tẽ, zug óg tō ag jãn ki vẽ ké ke jã . Ënh vâbén te jé nũ jug kugzó óg blé vẽ kũ óg tō jō kabel vã, óg to nũ tẽ kũ óg blé nĩ jã óg tō jō vâbel vã. Jug te óg nãli ag jōba tō laklãnõ a ki nõ. Goj le to Itajai ké ke mũ tóg nã ve jó ta ki, Santa Catarina .

Palavras-chave: Ritual. Laklãnõ, Xokleng.

Pesquisa apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para obter o título de Licenciado em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, sob a orientação da Professora Ma. Sílvia Maria de Oliveira.

Introdução

Sou Acir Caile Pripra, nascido na Terra Indígena Laklãnõ, na aldeia Bugio, em 16 de junho de 1985. Filho de Livai Pripra e Nandia Patté, sou indígena da etnia Laklãnõ Xokleng, falante da língua nativa xokleng, casado e tenho três filhos. Sempre morei na Terra Indígena e gosto muito de jogar bola. Nasci em berço evangélico e acredito em Deus, mas também nas crenças de meu povo. Sou apaixonado pela natureza da Terra Laklãnõ e adoro passear com a família.

A Terra Indígena Laklãnõ fica localizada entre quatro municípios: José Boiteux, Doutor Pedrinho, Vitor Meireles e Itaiópolis. A aldeia Bugio se encontra no lugar mais alto dessa terra indígena, entre os municípios de Doutor Pedrinho, José Boiteux e Itaiópolis. A T.I. Laklãnõ é formada por nove aldeias: Palmeirinha, Figueira, Coqueiro, Sede, Pavão, Toldo, Plipatól, Bugio e a nova aldeia Kóplág. Essas aldeias ficam bem distantes da aldeia Bugio, entre os municípios de Vitor Meireles, José Boiteux no Alto Vale do Itajaí, no norte de Santa Catarina. A população Xokleng conta com aproximadamente 3.000 mil pessoas. A T.I. Laklãnõ possui 14 mil hectares demarcados e mais 23 mil em processo de homologação. É ocupada majoritariamente pelo povo Xokleng, mas nela também habitam famílias Guarani e famílias Kaingang. O povo Xokleng é um povo lutador, que sempre se empenhou para preservar os costumes e as tradições de seus ancestrais.

A chamada “pacificação” dos Xokleng Laklãnõ ocorreu a partir de 1914, através do Serviço de Proteção aos Índios. Isso aconteceu quando os nossos velhos Xokleng perceberam, enfim, que a única alternativa de sobrevivência do povo seria o contato. Esses sábios convenceram o povo e os guerreiros a irem para um espaço delimitado, que seria a futura reserva indígena que, logo depois, foi reconhecida como Terra Indígena de Ibirama. Isso ocorreu após os ataques da população “civilizada”, que queria ter acesso àquelas terras por meio de companhias de colonização.

No processo de colonização, os ataques, traições e emboscadas dos civilizados para com os Xokleng foram muito graves. Assim, os mais velhos decidiram, então, “pacificar” aqueles brancos ferozes que os hostilizavam. Contudo, a integração determinou a perda da autonomia Xokleng e a crescente introdução de crenças e valores ocidentais dentro da Terra Indígena. Ao longo de sua história, foram massacrados por

pistoleiros do governo - caçadores de indígenas no Sul do Brasil, conhecidos como bugreiros - sendo quase dizimados. Por esse motivo, o povo vive ainda com os traumas deixados pelos não indígenas, fato que prejudicou muito a transmissão dos saberes indígenas nas próprias aldeias.

De todo modo, os Xokleng lutaram e sobreviveram até os tempos de hoje, sempre passando os costumes do povo através dos anciãos, da escola e da comunidade, além dos professores universitários que pesquisam sobre seus antepassados e trazem de volta para a comunidade o conhecimento adquirido por meio de suas pesquisas, buscando, assim, a revitalização de costumes adormecidos pelo processo de colonização e ocupação dos territórios tradicionais. Esse movimento de revitalização dos saberes Xokleng, na hoje T. I. Laklãnõ, ocorre desde a década de 1980, com a consciência da valorização da língua materna e dos saberes indígenas, e está cada vez mais fortalecido.

Assim, para esta pesquisa que trata sobre o ritual do kóplág, minha principal fonte foi a sabedoria e a memória dos anciãos Xokleng. Para a pesquisa, busquei estar junto dos anciãos, ir em sua casa e conversar pessoalmente. Procurei marcar o dia para a visita e conversar sobre o assunto da pesquisa. Antes de cada conversa, sempre perguntei se poderia gravar e, na maioria das vezes, os anciãos fizeram questão de que aquele momento pudesse ser registrado. Em cada encontro, passei horas do dia junto de cada ancião, participando de momentos de seu cotidiano. Em outros, simplesmente, eles dispuseram aquelas horas para conversar sobre o tema da pesquisa, revelando que o assunto do kóplág é muito importante para o registro de nossa história.

Para as conversas, busquei respeitar os locais escolhidos pelos anciãos, lugares calmos definidos por eles, pois assim, segundo me disseram, conseguiam lembrar bem das histórias. Desta forma, realizei conversas, participei do cotidiano, e, principalmente, dos preparativos para a realização e do ritual em si. Essa foi a minha metodologia de trabalho para ter acesso ao conhecimento dos anciãos. Utilizei caderno para anotações e celulares para gravar suas falas. Ressalto que todas essas conversas ocorreram em língua materna, na qual os anciãos conseguiam se expressar com mais facilidade e se sentiam bem.

Penso que é importante relatar como este trabalho foi feito junto aos anciãos, também como os anciãos de nossa comunidade têm visto a pesquisa realizada por professores indígenas. Eles consideram muito importante relatar esses conhecimentos,

emocionam-se ao narrar as histórias antigas, o tempo da “pacificação” e os projetos de integração do governo brasileiro. Atualmente, os anciãos têm plena consciência de sua importância no atual movimento de revitalização dos saberes nativos e evidenciam prazer e compromisso em transmitir estes conhecimentos, buscando a sua preservação para as próximas gerações.

Nas minhas leituras, não encontrei bibliografia específica sobre o ritual do kóplág. Contudo, destaco dois textos: o trabalho de conclusão de curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC, de 2015, de autoria de Carli Caxias Popó, que trata sobre a cosmovisão Xokleng, mas apenas menciona o ritual do kóplág, não entrando em detalhes. O outro, um artigo de autoria de Robert Crepeau, que trata sobre o kiki, o ritual tradicional dos Kaingang, que me ajudou a pensar a atual relevância para os povos nativos, especialmente do Sul do Brasil, da retomada de seus conhecimentos e saberes tradicionais.

O objetivo geral desta pesquisa foi descrever o ritual do kóplág, bem como revitalizar a história e a prática desse ritual com os anciãos da comunidade. A partir disso, pretendo trazer o conhecimento e a própria prática do kóplág, novamente, para o cotidiano da comunidade e para o aprendizado dos jovens.

O ritual do kóplág: saberes e histórias Xokleng/Laklãnõ

Segundo Noelli (2000), desde há, pelo menos, dois mil anos atrás, o povo Xokleng viveu e permaneceu em seu território no sul do Brasil, que corresponde a toda a área da serra entre os planaltos e o litoral sulino. Este território, no qual o povo se estabeleceu, foi vivido e construído a partir dos saberes e crenças desse povo, formando um território tradicional, onde estão inscritos memórias, saberes e práticas.

Ainda de acordo com Noelli (2000), a origem do povo estaria entre as nascentes dos rios Araguaia e São Francisco, no oeste brasileiro, de onde partiu em demanda de um novo território a ser construído e vivido. Esse povo, sempre se guiou, para viver e escolher os seus locais de moradia, pelas suas crenças, dentre elas, a do kóplág. Esse era o mundo antes de os colonizadores invadirem o território tradicional e, com isso, propor uma nova

forma de vida para o povo Xokleng, chamada de “integração à sociedade nacional”. Esta situação provocou mudanças profundas na vida do povo.

Após o contato com o não indígena, o povo Xokleng/Laklãnõ perdeu vários costumes e crenças, entre essas, o ritual do kóplág, que é a forma de previsão Xokleng/Laklãnõ. Um ritual milenar, que ao longo da história, adormeceu em suas memórias. Essa “perda” foi, na realidade, parte do projeto do governo para integrar os indígenas à nação apenas como brasileiros e não mais como indígenas. Assim, além de leis e regramentos, houve também uma imensa pressão cultural, social e psicológica para que o povo deixasse de praticar seus costumes e sua língua.

Preocupado com a perda de alguns costumes tradicionais, decidi pesquisar sobre este ritual que há muito tempo não vem sendo praticado. O motivo é que, com a introdução da religião ocidental na cultura indígena, ocorreu a proibição de certos rituais. Segundo os pregadores do evangelho, o ritual realizado pelo povo era pecado e sua prática poderia levar as pessoas ao inferno. Diziam que esse ritual fazia parte das obras do diabo, amedrontando o povo. Assim, passaram a ser proibidos na comunidade indígena, perdendo-se parte importante da nossa cultura.

A partir das memórias dos anciãos, colhi informações por meio do convívio e de conversas. Durante essas conversas, muitos anciãos contaram histórias referentes ao ritual do kóplág, mas sempre evitavam se aprofundar sobre alguns aspectos, como a história e a prática do ritual, revelando o trauma do sufocamento desse costume tradicional.

Durante o tempo de pesquisa, comecei a conversar ativamente sobre o assunto, explicando a importância de saber sobre os segredos do ritual, afinal, o povo Xokleng dependeu deste ritual para sobreviver. Depois de falar muito sobre o meu interesse em saber da história e passar isso adiante, foi que os anciãos se entusiasmaram em contar mais detalhes sobre o ritual do kóplág.

Alguns deles se dispuseram somente a falar, mas não quiseram realizar o ritual, porque, segundo disseram, a pessoa que irá efetuar o ritual tem que estar bem preparada, pois através de uma previsão mal sucedida pode ocorrer algo ruim com quem realizou o ritual. A pessoa que deseja fazer o ritual deve se aperfeiçoar durante a sua vida, tem que estar preparada mental e espiritualmente.

O convencimento da religião evangélica é tão forte que as pessoas têm em mente que realizar este ou outros rituais é pecado e pode trazer consequências graves a elas. A intervenção religiosa foi tão intensa que parte das crenças tradicionais foi perdida, devido ao amedrontamento introjetado.

Somente depois de muitas conversas, foi que alguns anciãos se propuseram a passar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida. Alguns pregavam o evangelho antes de me contar as histórias sobre o ritual do kóplág. É interessante que relacionam a religião com o ritual, e evidenciam que o ritual ajudou o povo até os últimos anos em que foi realizado.

No período da minha pesquisa, o senhor Kuvei Weitchá ficou muito doente e veio a falecer. Lastimo que mais um ancião tenha morrido, levando consigo conhecimentos adquiridos ao longo de sua história e da história do povo. Este ancião, apesar do convencimento da religião, havia se proposto a contar sobre o ritual e até mesmo a realizá-lo. Ele foi o primeiro com quem consegui conversar abertamente sobre o ritual do kóplág. Assim, sua morte foi chocante para mim.

De todo modo, outros anciãos se propuseram a me passar esses conhecimentos. São eles: Alfredo Patté, Edu Priprá, Neli Vanhká Ndili, João Pate, Patté Filho, Angelo Nambla, Voia Kámlên, que lutam pelas causas indígenas e pelo incentivo à cultura do povo Xokleng. Agradeço, de coração, a esses anciãos e aos seus esforços em relembrar as histórias de nosso povo e contá-las com muito carinho e humildade para mim.

Meu tio Edu Priprá, ao ver o meu empenho para saber mais sobre o ritual, por meio do convencimento e das conversas com o ancião que havia falecido e com outros também, se manifestou no sentido de querer falar sobre o ritual.

O primeiro ritual do kóplág, depois de muito tempo, foi Edu Priprá quem realizou, e justificou sua atitude aos demais Xokleng evangélicos que, no início, o criticaram com palavras da Bíblia, contestando que a prática de costumes e crenças de um povo não é pecado, mas sim, a falta de sua prática. Com este argumento, Edu convenceu muitos anciãos da importância de se retomar o ritual, desfazendo um pouco da pressão evangélica sobre as pessoas do povo Xokleng.

A experiência de falar sobre o ritual e de convencer os sábios a conversarem sobre ele sem medo, me proporcionou pensar em muitas questões, mas considero mais

importante destacar que, a partir do momento em que o ritual começou de novo a ser pensado e recordado, ele foi também valorizado. Assim, tanto pude dar prosseguimento à minha pesquisa junto aos anciãos que, agora, queriam falar sobre isso, quanto servir de justificativa para que o povo perceba a importância deste ritual em sua vida e para que seja lembrado e praticado pelas futuras gerações.

Sábios Xokleng/ Laklãnõ

Aqui, descrevo brevemente alguns aspectos relativos a cada um dos sábios que se constituíram como principal fonte de saber nesta pesquisa:

Neli Vanhká Ndili tem 79 anos, é minha tia avó e mora na aldeia Sede, próximo ao local em que foi feito o contato com o povo Xokleng, precisamente nas margens do rio Platê. Ela tem sete filhos e é uma anciã de muito conhecimento tradicional. Está sempre disposta a ajudar os mais jovens e estudantes da comunidade. Dona Neli se emociona quando conta as histórias de seus antepassados e as que seu pai contou incansavelmente. Tive a honra de ter minha primeira experiência de assistir o ritual do kóplág sendo realizado por ela, a meu pedido, para a produção deste trabalho.

Patté Filho tem 76 anos e é meu tio avô. É um ancião muito extrovertido, que gosta de pescar e recontar as histórias que ouviu de seu pai. É dedicado a seus filhos e netos e conhece muito sobre os costumes xokleng. Ele é filho de Vajeky Patté, fundador da aldeia Bugio. Segundo ele, foi seu pai quem fez o último ritual do kóplág, sobre o qual ele ouviu falar quando era jovem.

Angelo Nambla tem 72 anos. É um ancião muito conversador, que gosta de contar histórias e cantar. É compositor de músicas na língua materna. Já foi cacique em sua aldeia e é uma das antigas lideranças mais respeitadas na terra indígena. Mora na Aldeia Coqueiro, mas, atualmente, está no acampamento na Barragem Norte.

João Pate tem 76 anos. É pastor evangélico, avô dedicado à família e liderança da aldeia Kóplág, recém fundada. Seu João teve uma visão em sonho que alguém o direcionava a esse local, por isso, a aldeia foi fundada com este nome.

Edu Priprá tem 72 anos e é pastor evangélico. Faz parte das antigas lideranças do povo Laklãnõ/Xokleng. Dedicado aos netos e filhos, gosta muito de fazer artesanato. Foi o primeiro ancião xokleng que contou a história do kóplág e realizou o ritual depois de muitos anos em que ninguém mais praticava. Edu Priprá realizou o ritual por iniciativa própria em um encontro da Ação Saberes Indígenas na Escola.

Voia Kámlên tem 75 e é morador da aldeia Figueira. Gosta muito de lembrar as histórias contadas pelo seu pai, avô e anciãos da época de sua infância, recordando-as com detalhes. Sempre foi muito interessado pelas histórias do povo, tanto que, quando jovem, Voia vinha da escola e passava na casa do ancião Võble, que fez o contato com os não indígenas, e que lhe narrava histórias antigas. É conhecido por gostar de contar as histórias do povo aos estudantes e comunidade em geral, falando apenas na língua materna.

Alfredo Patté tem 89 anos, é meu avô materno e pastor evangélico. Foi cacique da Aldeia Bugio por três vezes. É filho de Vãjegy Patté, fundador da aldeia Bugio, ancião que lutou pelas causas indígenas e sempre contou as histórias antigas para seus netos e comunidade: histórias vividas por ele, quando era bem jovem, do primeiro contato com a sociedade não indígena e dos horrores que o povo viveu.

Importância do ritual kóplág para o povo Xokleng/Laklãnõ

Em toda a história contada sobre os Xokleng/Laklãnõ, é notável que o povo sempre dependeu de suas crenças para sobreviver, pois a vida de cada familiar era mantida e cuidada por meio das orientações dadas pelos seres da natureza, contra os empecilhos ao redor.

O ritual do kóplág integra a memória e a sabedoria dos anciãos do povo Xokleng/Laklãnõ e, no passado, fez parte de seu cotidiano. Atualmente, nossos mais velhos e sábios estão lutando para que este conhecimento não seja perdido e, pelo contrário, seja retomado no pensamento diário da comunidade indígena. Assim, passo a descrever o ritual, a partir das memórias e saberes desses sábios Xokleng.

O povo Xokleng/Laklãnõ utilizava frequentemente este ritual para suas caçadas. Patté relata que em umas dessas grandes jornadas, migrando da região do Mato Grosso do Sul até o Alto Vale do Itajaí, precisamente, às margens do Rio Platê e do Rio Hercílio, o povo Xokleng teve sempre esse ritual como orientação.

Seu João Pate conta que a prática do kóplág era conhecida pelos anciões e pelas anciãs das famílias, que, com seus conhecimentos, ajudavam os mais jovens. Na grande maioria das famílias, havia um conhecedor do ritual, que o repassava para os seus familiares.

Ele comenta que nunca fez e nem presenciou o ritual do kóplág, mas o que ele sabe foi passado pelos anciões com quem conviveu. Na maioria das vezes em que ouviu falar, esse ritual havia sido feito para localizar grande quantidade de caça ou os melhores caminhos para viagens.

Para que o ritual seja realizado, é necessária a presença de, no mínimo quatro pessoas, não podendo as crianças participarem. As que aprenderam, foi através de ensinamento oral, pois os anciões apenas contavam para as crianças como fazer. As que aprenderam ainda jovens presenciaram o ritual de forma oculta. Assim aconteceu com dona Neli Patté, que observou o ritual escondida de seu pai, Vajeky Patté.

Em visita à Neli Patté, após conversar sobre vários assuntos da cultura, comento sobre o ritual do kóplág e, de um jeito bastante claro, ela sintetiza: o ritual nada mais é do que um guia para o povo. Sem ele, o povo já teria acabado, devido aos ataques recebidos de todos os lados e aos empecilhos da vida.

Todo este conhecimento foi transmitido de geração em geração. Segundo ela, o conhecimento que existe hoje sobre a vida na natureza, foi graças aos educadores anciões, seu pai e sua mãe, que repassaram para ela. E conta uma história parecida com a do seu irmão: que o seu pai não deixava as crianças participarem do ritual. Então, para que pudesse aprender, ela, escondida, seguia o seu pai para ver o ritual. Depois que ela já estava bem grandinha, o seu pai explicou a ela como fazer, mas não realizou o kóplág para ela assistir. De qualquer forma, ela já o havia observado, desde os preparativos até a sua execução.

Em todas as histórias contadas pelos anciões, o povo Xokleng sempre foi dependente do ritual. Percebo que a existência desse povo, desde milhares de anos atrás,

dependeu desse ritual para sobreviver, para conseguir alimentos e livrar os familiares do perigo.

Alfredo Patté, em seu relato, conta que, há centenas de anos atrás, o povo viajando da região Centro Oeste do Brasil realizou o ritual para ver os acontecimentos que estavam por vir: no caminho para o Sul, iria encontrar muita abundância de alimentos, mas ao longo de sua jornada e vivência, haveria conflitos e o contato com o homem não indígena.

Quando os anciãos são perguntados sobre os rituais, eles começam a falar sobre a história mais antiga dos Xokleng, sobre a migração do povo desde as nascentes dos rios Araguaia e São Francisco, na região do Mato Grosso. Segundo Noelli (2000), estudos etnolinguísticos e arqueológicos, a partir de outras fontes, indicam justamente estas regiões, como sendo a origem do tronco linguístico Macro-Jê, e das migrações dos povos conhecidos na literatura etnológica como jês meridionais, os Kaingang e os Xokleng. De forma impressionante, estes dois conhecimentos, aquele advindo dos sábios e aquele conhecido a partir de estudos de etnoarqueologia, convergem e apresentam, de formas diferentes, os mesmos acontecimentos.

Os saberes dos anciãos e os estudos acadêmicos convergem, permitindo argumentos interessantes sobre a antiguidade da nossa história, bem como o alcance de nossas histórias e saberes contados oralmente através das gerações. Assim sendo, a história antiga do povo, suas crenças e rituais estão intimamente ligados, uma vez que, ao falarem de suas crenças, os sábios relatam toda a história do povo.

Dona Neli Vanhká Ndili confirma que, vindos da região do Mato Grosso, depois de anos em caminhada, os Xokleng se encontravam acampados às margens do Rio Negro, que é conhecido como Goj tō vug vug, e planejavam rumar para o Vale do Rio Itajaí, então, fizeram o ritual do kóplág para continuar a sua jornada. Ela não conseguiu recordar os nomes dos anciãos que o seu pai havia mencionado, apenas que esses antigos anciãos realizaram o rito e tiveram a visão de que as famílias que estavam naquele grupo passariam pelos acontecimentos que vivenciamos hoje.

Acontecimentos que foram previstos pelo ritual do kóplág

Em toda história contada pelos anciãos Xokleng, há relatos de fatos antigos, como o que dona Neli contou, um acontecido quando o povo ainda vivia na natureza. As pessoas que não respeitassem as orientações dadas, ou por desobediência, não seguissem o caminho indicado, certamente, caíam em desgraças. Foi o caso de um dos filhos de um ancião que não quis obedecer às orientações dadas por seu pai. Em virtude de ver o seu filho sempre longe de casa, pois dificilmente parava no acampamento, preocupado com ele, fez o ritual para saber por onde esse filho andava e os perigos que o cercavam.

O pai ancião, chamado Kuvenh, efetuou o ritual e prenunciou uma desgraça. Nessa noite, o filho não estava no acampamento e, no outro dia, esperou o seu filho chegar para passar a ele o que havia previsto no ritual do kóplág. O rapaz chegou até seu pai, que estava perto do fogo, e perguntou o que ele queria. Então, seu pai apreensivo com o que havia visto, contou-lhe sobre a previsão realizada através do ritual do kóplág: que era para ele se cuidar e não andar sozinho longe da aldeia, porque havia antevisto que iria acontecer algo ruim.

O jovem não deu ouvidos aos conselhos do pai e decidiu ir coletar mel, bem longe do lugar onde eles estavam acampados. O mel se encontrava no alto de uma árvore. Então, subiu na árvore e quando estava próximo de fazer a retirada do mel, ele caiu do alto da árvore sobre um cepo de uma pequena árvore que ele próprio havia cortado, perfurando o seu corpo.

Tentando resistir, o jovem conseguiu tirar a madeira do seu corpo e cambaleando, chegou até a aldeia onde morava. Quando ele estava perto, seu pai sentiu o que havia acontecido e começou a fazer o zõ (choro de lamentações dos anciãos Xokleng) e, em voz alta, falava que, por sua própria desobediência, havia acontecido tal desgraça. O jovem se aproximou e, à vista de seu pai, caiu e morreu.

Também houve alguns acontecimentos, que foram previstos pelo ritual do kóplág e que ninguém esperava que acontecesse, pois muitas pessoas do povo xokleng não têm mais aquela certeza, devido a influência excessiva da religião.

No final do ano de dois mil e dezessete, ocorreu um ritual do kóplág, o que há muitos anos não acontecia, em um trabalho de troca de saberes na T. I. Laklãnõ. O senhor Edu Priprá o realizou por iniciativa própria. Em suas previsões, a terra indígena iria perder uma pessoa muito importante e que abalaria todo o povo. Esse acontecido não seria na

terra Laklãnõ, mas em um lugar distante, em uma encruzilhada onde todos veriam o acontecido, mas ninguém poderia fazer nada, causando muita revolta. E foi exatamente o que aconteceu: no primeiro dia do ano de dois mil e dezoito, a morte brutal do professor e juiz eleitoral da T.I. Laklãnõ, Marcondes Namblá, deixou todo o povo abalado.

Voltando ao passado, em meados dos anos de 1940, também ocorreu uma tragédia que deixou o povo revoltado: o assassinato de Basílio Priprá, um líder que saiu em defesa do povo, que estava sendo massacrado na época. Ele foi contrário ao antigo chefe do posto, denunciou-o por suas atitudes desumanas. Em ritual realizado na época, Vãjegy Patté previu esse acontecimento. Ele se dirigiu às pessoas dizendo que, apesar da perda que iriam ter, isso mudaria suas vidas. Realmente, essa perda alterou o rumo da história do povo Xokleng.

E voltando ainda mais para o passado do povo Xokleng, as histórias contadas por todos os anciãos entrevistados, narram que, tempos antes do contato, em sua jornada para chegar ao território do sul do Brasil, onde o povo vive hoje, foi realizado o ritual que mostrou que haveria o contato com a sociedade branca e que o povo iria sofrer após esse contato, mas sobreviveria, apesar das grandes tragédias ocasionadas pela sociedade não indígena.

Nos dias atuais, é perceptível a nossa resistência, a luta pela revitalização da nossa cultura que foi impactada pela sociedade não indígena, a busca pelos nossos direitos assegurados na Constituição Federal, e pelo reconhecimento da parte do governo como povo Xokleng/Laklãnõ nativo brasileiro.

As histórias contadas, muitas vezes, não falam que no ritual do kóplág foi previsto determinado acontecimento. São contadas somente as histórias dos acontecimentos, nunca mencionando o ritual. Muitas vezes, esses acontecimentos foram previstos, mas não foram evitados, porque já estavam com o destino traçado: iriam mudar a história do povo, preparando-o para o acontecimento. Na previsão realizada pelo ritual, há um propósito para aquele acontecimento, por isso não pode ser evitado, indicando que o povo deve se preparar psicologicamente para aqueles dias. O ritual prepara o povo para alguns acontecimentos, como: onde pode encontrar fartura de alimentos ou como se desvencilhar do perigo eminente, mas também o prepara para o inevitável.

Realização do ritual e sua valorização

Segundo os anciãos com quem conversei, o ritual do kóplág sempre teve uma preparação especial e o indivíduo que o praticasse deveria se preparar psicologicamente. Segundo eles, temos que estar preparados para o que vamos ver e sentir, pois há manifestação de espíritos de antepassados durante o ritual. Não devemos temer, porque esses espíritos se manifestam para ajudar nas previsões, para que as visões oferecidas pelo ritual sejam interpretadas corretamente. Essas visões revelam, ao seu praticante, os locais de caça, o melhor caminho para se trilhar, acontecimentos com familiares e comunidade, tanto coisas boas quanto tragédias. Devido à forte emoção e à espiritualidade, muitas pessoas da comunidade têm certo receio de procurar saber mais e praticar este ritual.

Patté Filho relata, exatamente, as preocupações expressadas pelos outros anciãos e o medo que ele próprio possui de realizar o ritual. Perguntei-lhe por que tem medo e ele me respondeu que não se arrisca a fazer, porque teme as ações dos espíritos da natureza contra ele. Perguntei: o que seria isso? Qual seria essa ação dos espíritos? Ele me respondeu que se a pessoa não realizar o ritual corretamente, poderá ficar doente, os espíritos poderão levar o kuplênh (alma) da pessoa. Em outras palavras, a pessoa pode morrer quando isso acontecer. Por esse motivo, nunca fez e tem medo de fazer, mas me contou como preparar e realizar o ritual.

Preparativos para o ritual: materiais e espiritualidade

Para a preparação do ritual do kóplág, são necessários alguns materiais específicos da natureza, porém, como nossos anciãos sempre nos ensinaram, não é simplesmente chegar e retirar o material da natureza e depois utilizá-lo. Antes, é preciso conversar com os espíritos que existem na natureza, explicar que estamos fazendo aquela coleta porque precisamos. Desde antigamente, é necessário pedir a autorização da natureza para, então, colher o que estamos precisando.

Segundo dona Neli, para realizar o kóplág é necessário: tanh jũ (casca do coqueiro jerivá) e pëggõnh (canela fogo). Usavam a casca para colocar o carvão do próprio tanh

jũ, e, dentro da casca, era feito o ritual, assim como no pëggõnh. Depois, procuravam um lugar com uma vista muito boa, para visualizar o trajeto onde poderia ter a caça ou o perigo durante a caminhada. Após, faziam o desenho de todo o possível trajeto, para, então, fazer o ritual durante a noite, no local onde foi feita a observação, levando junto um tição de fogo

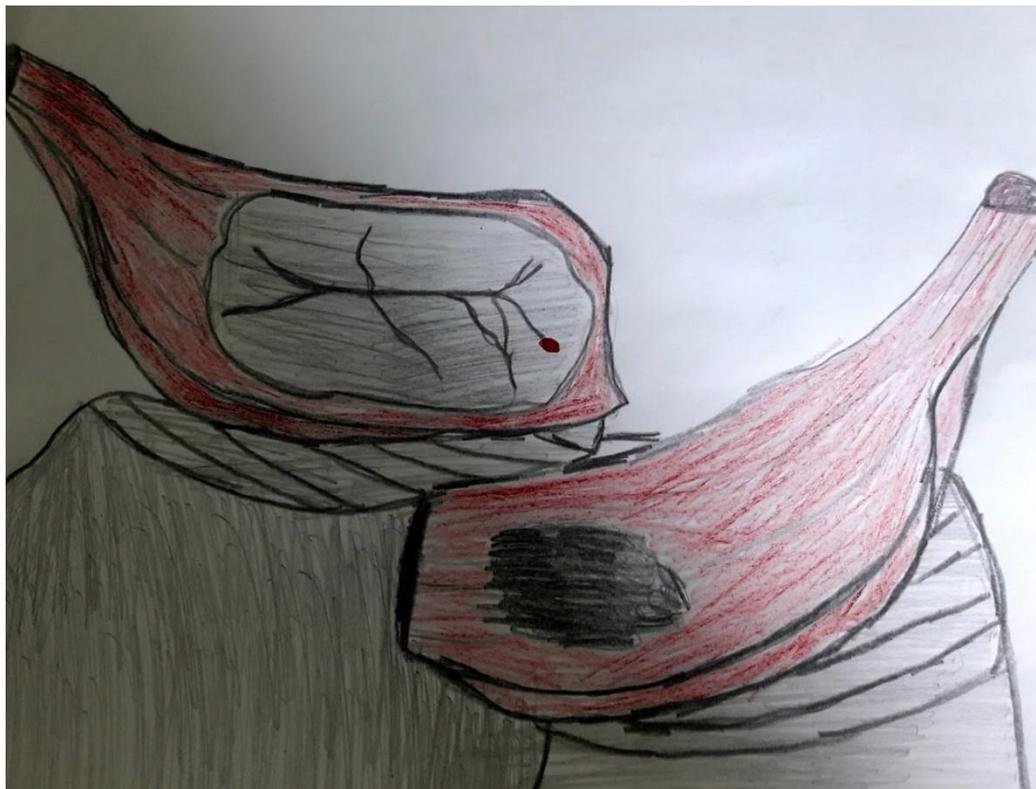
Alfredo Patté confirma que realmente o povo fazia um pó de carvão do material recolhido para o ritual, que deveria ser realizado em um lugar bem escuro, com poucas pessoas no local. O carvão era colocado na casca do coqueiro ou da canela. Com um pequeno pedaço de galho ou graveto, desenhavam no carvão o caminho a ser percorrido na realização no ritual. Uma brasa é colocada neste caminho desenhado, para, então, começar o ritual. A ação dessa brasa indica os acontecimentos em suas visões.

Figura 1 - Carvão moído sobre uma casca de proteção de coqueiro para a preparação do kóplág



Fonte: Foto de Acir Caile Pripra (jan. 2020).

Figura 2 - Momento do ritual do kóplág, em uma provável previsão



Fonte: Ilustração de Acir Caile Pripra (jan. 2020).

Patté relata que faziam o ritual quando as pessoas saíam para suas viagens ou saídas de caça, e quando viam o perigo, sempre buscavam se desviar. Quando previam alguma morte, chamavam as pessoas do grupo e contavam para elas as visões que haviam tido no ritual.

A última vez que ele ouviu o seu pai falar sobre o ritual, ele era bem jovem. Seu pai havia realizado o ritual e contava para os seus familiares. Patté era um tanto curioso e se sentou ao lado do pai, prestando atenção às revelações dos futuros acontecimentos. Nesse caso, era uma morte, e o sábio estava contando os detalhes do que iria ocorrer. Essa morte era de um grande guerreiro, e isso iria mudar toda a história do povo. E foi o que aconteceu tempos depois, a morte de Basílio Priprá, líder que lutou pela sobrevivência do povo que estava sendo massacrado. Basílio era pai de Edu Priprá, que sofreu muito com essa perda. Seu Patté fala que seu pai nunca o deixou participar de um ritual quando criança, porque nos rituais havia a manifestação dos espíritos que poderiam levar o kuplênh (alma) dos mais novos que se encontravam no local.

O que seu Patté sabe hoje, foi através das explicações de seu pai e do que foi contado por outros anciãos da comunidade. Afirmou que sabe como fazer o ritual, mas

não conhece algumas ações que acontecem dentro do ritual, por isso nunca tentou fazê-lo; entretanto, ele disse que sabe interpretar algumas visões no ritual do kóplág, como: o dia que vai chover; onde encontrar bandos de quati, porco do mato, veado, macaco; o risco de ter serpentes venenosas no caminho. Perguntei a ele se um dia poderia fazer o ritual para a juventude da comunidade Xokleng/Laklãnõ conhecer, e ele me respondeu que poderia até fazer, mas não deu certeza, pois tem medo de realizar o ritual, porque é muito espiritual.

Perguntei à dona Neli como realizavam o ritual do kóplág. Então, ela entrou em detalhes, dizendo que, no ritual, utilizavam uma lenha específica. Ela viu o seu pai fazer com a casca do tanh jũ (coqueiro jerivá). Da casca desse coqueiro era feito um carvão especial, que após era moído, ficando um pó. Esse pó de carvão era colocado na casca de proteção do coqueiro que, normalmente, depois de seca, cai debaixo do próprio pé. O carvão era espalhado dentro da casca e desenhada a região onde iam. Depois, uma brasa era colocada sobre o caminho desenhado, mostrando o que iria acontecer. Mas, antes disso, era necessário achar um local mais alto para a observação do lugar que vai ser identificado no ritual. Ela falou que, toda vez que entramos em contato com a natureza, temos que nos manifestar para ela, para nada ruim nos acontecer. Assim era quando os antigos Xokleng iniciavam uma jornada, diziam que estavam seguindo viagem e pediam para que os espíritos de seus antepassados os protegessem.

É perceptível que esse ritual foi essencial para a sobrevivência do povo Laklãnõ, pois através dele, viram perigos e, até mesmo, previram que, se não fizessem o contato com os brancos, o povo seria dizimado. Ainda, renunciaram que, após o contato, muitos seriam assassinados por ataques, e mortos pela contaminação de doenças desconhecidas na época, mas que o povo iria sobreviver a todos os tipos de reveses e que as futuras gerações iriam resistir e persistir até hoje. Estes acontecimentos todos foram previstos em rituais do kóplág.

Durante minhas pesquisas, dois rituais do kóplág foram efetuados: um por Edu Priprá (em 2017) e outro por dona Neli Vanhká Ndili (em 2018). Depois de um longo período sem que esse ritual, foi um acontecimento na aldeia, despertando debates dentro da comunidade, pois na visão evangélica, isso é pecado, sendo que esse argumento, durante muito tempo, impediu a realização do ritual.

Em outra entrevista, Angelo Nambla também confirma as histórias contadas pelos demais anciãos com quem eu havia conversado: o ritual do kóplág sempre foi um guia para o povo Xokleng, um símbolo de resistência até os tempos de hoje. No entanto, pouco se sabe sobre esse ritual, pois há muito tempo não se falava mais sobre ele, pois a religião sufocava os saberes do povo. Segundo os evangélicos, tais crenças não podiam ser incentivadas, porque eram obra do diabo e o povo deveria seguir um único deus. Hoje, grande parte das pessoas entende a crença tradicional como parte da criação de Deus e que serve para a sobrevivência do povo, por isso tem que ser mostrada para as futuras gerações Xokleng/Laklãnõ.

Perguntei à dona Neli se sabia fazer o ritual do kóplág e se poderia me mostrar como fazer e quais seriam os materiais necessários. Então, me respondeu que sabia fazer e que seria uma satisfação para ela repassar o seu conhecimento para quem se interessava em aprender. Dispôs-se a me ensinar, mas no dia em que eu estava em sua casa, o tempo chuvoso não permitiu que ela fizesse a demonstração. Assim, combinamos outro dia para isso.

No dia marcado, fui à sua casa, acompanhado de dois colegas professores que tiveram a curiosidade de saber sobre o ritual. Chegamos cedo e fomos fazer a coleta dos materiais, porém não estavam bem secos. Ela pediu que fizéssemos fogo para secá-los. Depois de secos, fiz carvão da casca de coqueiro e, após ser moído, coloquei-o em uma outra casca para o ritual que seria realizado à noite. Durante o ritual, ela me mostrou todo o processo de visão, mas não pude filmar, nem fotografar, pois não podia haver nenhum tipo de luz próxima ao ritual. Segundo ela, a luz atrapalha as visões.

Após cada ritual, o ancião permanece em silêncio e interpreta as visões recebidas, para só então informar as revelações. As pessoas as aceitavam com toda a fé e não deixavam de seguir as orientações indicadas pelo ancião a partir do ritual.

A partir desse momento, não poderei revelar os passos seguintes para completar o ritual, porque os anciãos pediram que eu guardasse esses segredos, transmitindo-os diretamente para as pessoas do povo que me procurarem para fazer o kóplág.

Outras crenças do povo Xokleng/Laklãnõ

Em toda história contada pelos anciãos do povo Xokleng, há várias outras crenças em que o povo acreditava. Cito, aqui, algumas delas que, apesar de estarem, hoje em dia, um pouco esquecidas, ainda fazem parte do imaginário xokleng. Atualmente, o desconhecimento sobre as histórias antigas e as próprias crenças xokleng vêm afetando o saber dos mais jovens, que precisam entender sobre os seres sagrados e o conhecimento a eles relacionado, para compreenderem, de corpo e alma, a cultura do povo Xokleng.

Uma dessas crenças, ainda presente entre o povo, está relacionada a um pássaro, o kágge ou jol (sem tradução para o português). Ele é muito pequeno, quase imperceptível e fica bem camuflado no meio das folhas das árvores, tanto que, normalmente, as pessoas não conseguem vê-lo quando está próximo. O povo diz que o canto que ele produz é um aviso, que pode ser: de perigo, caçada frustrada, mudança de tempo repentino para chuva, não alcance do objetivo almejado.

Hoje, poucas pessoas conhecem esse pássaro, porque a grande maioria foi evangelizada, o que as impede de ter esse conhecimento. Uma doutrina muito rígida e errônea impõe o pensamento de que só devemos acreditar em um único deus e, assim, gradativamente, isso vai acabando com parte da nossa cultura.

Há um pássaro que avisa que vai acontecer alguma morte, o kaku lá, uma espécie de coruja que produz um som que nos parece muito triste. Quando está perto da casa ou acampamento, as pessoas interpretam como um aviso de que vai acontecer algo ruim, e se preparam emocional e espiritualmente para a situação que há de vir.

Também há o kuánh, que é a saracura, uma espécie de pássaro que vive no banhado. O som que ela produz é interpretado como sinal de que vai chover.

Há ainda o pyn pyl, espécie de pássaro conhecido como úru, e que canta ao fim da tarde. O seu canto é considerado um aviso de que está chegando chuva prolongada.

O povo também acredita que o bugio, um gênero de macaco, quando produz um som muito alto na copa das árvores, significa aviso da chegada de chuva com muitos trovões, tanto naquele determinado dia, quanto nos próximos, em que há de vir muita chuva.

Perguntei ao seu Patté se conhecia outro ritual semelhante ao kóplág. Ele falou sobre o vãtxo vaju, que era realizado exclusivamente pelas mulheres e que suas previsões

se assemelham com as do ritual do kóplág. A diferença é que as mulheres têm suas visões em sonho e, quando menos esperam, elas se revelam às pessoas do grupo. As mulheres que tinham esse dom, normalmente, eram as anciãs que o adquiriram ao longo de sua vida.

Voia Kámlên contou que, certo dia, quando o indígena que fez o contato com o homem branco ainda não havia nascido, uma anciã profetizou para a mãe dele, que aquele bebê em seu ventre iria fazer o contato com o homem branco, para que povo não fosse dizimado.

Anos depois, isso também foi revelado pelo ritual do kóplág, quando aquele bebê já era adulto, que o povo certamente faria o contato com a sociedade não indígena. Neli Ndili enfatiza a fé depositada no ritual, assim como em vários espíritos da natureza.

As mudanças de tempo também são vistas como aviso de alguma morte ou acontecimento, a chuva repentina é observada pelo povo como de dén jan gó, interpretado como sinal de que vai morrer alguém. Nas histórias contadas, o povo Xokleng surgiu de duas formas: os Clêdo que saíram da montanha e os Vãjeki que saíram da água. Então, quando vai morrer alguém que saiu da água, o aviso é com uma chuva repentina, o dén jãn gó que continua durante dias, mas quando vai morrer alguém dos Clêdo, há a seca prolongada, ficando muitos dias sem chover. Após o provável acontecimento, se inicia um novo ciclo onde volta a chover, e os mais velhos falam que esta chuva apaga os rastros deixados pelo ente querido que se foi.

Assim como essas crenças, há várias outras que ainda estão sendo redescobertas pelos jovens estudantes do povo, por meio da memória dos anciãos.

O ritual do kóplág como símbolo de resistência do Povo Xokleng/Laklãnõ

Em toda história contada pelos anciãos, é fácil perceber que o povo Xokleng/Laklãnõ sempre teve como guia a fé nos espíritos da natureza, através de rituais e crenças. Assim, o kóplág servia como guia principal para a sobrevivência desse povo que seguia as orientações reveladas.

Após saber disso, penso que o povo sofreu algumas tragédias porque não se antecipou em prever os acontecimentos, não se preparando para eles, como era feito antigamente, por meio do ritual do kóplág, pois já não havia mais o contato direto com as crenças, devido às limitações deixadas pela religião. Hoje, começa a existir conciliação entre religião e cultura do povo Xokleng/Laklãnõ, e está sendo possível tratar essas questões novamente. Até mesmo alguns pastores evangélicos explicam os mandamentos da Bíblia, associando cultura tradicional e religião.

Com o fortalecimento da comunidade Xokleng, através do movimento indígena, do acesso aos estudos e da valorização crescente de nossos saberes e crenças, há, cada vez mais, o interesse e o respeito aos costumes e crenças xokleng, entre elas, o ritual do kóplág.

O senhor Edu, por ser um sábio de nossa cultura e, ao mesmo tempo, tendo praticado a fé evangélica durante muitas décadas, por força da política de fora de nossa comunidade, pretendia evangelizar a todos, sendo ele próprio pastor evangélico, foi criticado por indígenas evangélicos na aldeia.

Contudo, através da espiritualidade e do enfrentamento do preconceito, ao lado da valorização de nossos saberes, o ritual será, e já está sendo, cada vez mais respeitado e a sua realização deixando de ser um tabu. Ao longo da vivência de muitos anciãos com crença evangélica, mesmo assim, eles continuaram acreditando nos saberes de nossos ancestrais, procurando, inclusive, relacionar a religião com as crenças xokleng, procurando dando sentido à sua fé.

Na atualidade, a renovação de nossa cultura vem sendo criada e, ao mesmo tempo, saudada pelos nossos anciãos, que buscam se empenhar quando são procurados para falar sobre a cultura.

Considerações finais

Neste trabalho, busco lembrar o quanto foi importante a prática do ritual do kóplág para o povo Xokleng/Laklãnõ. Esse ritual sofreu muita interferência após o contato com

a sociedade não indígena. Com a introdução da religião evangélica, houve discriminação das nossas crenças e cultura, e no decorrer de nossa história, a sua prática foi abandonada.

Em minha infância e juventude, estive próximo de anciãos que contavam muitas histórias importantes para mim. Ouvindo estas histórias, sempre tive vontade de, um dia, poder levar adiante esses conhecimentos, contando e mostrando para as pessoas a importância de preservar a nossa cultura.

Quando criança, próximo de meus avós, também presenciava a conversa deles com a natureza. Dessa maneira, meu pai, Livai Pripri, me ensinou a acreditar e respeitar os avisos dados por ela, nos quais tenho fé e acredito.

Nunca havia presenciado um ritual do kóplág, mas em minha entrevista com dona Neli, pedi a ela que fizesse para eu observar e ela se prontificou a realizá-lo. Preparei eu mesmo todo o material necessário para efetuar o ritual. Então, ela fez e observamos onde estavam os animais que eu poderia caçar como: porco do mato, quati, veado, cateto. Fiquei muito feliz em saber que aquele momento estava sendo histórico para mim e para minha comunidade.

Para manter os costumes e crenças do povo, como professor, buscarei sempre saber tudo sobre o que é da minha cultura com os anciãos da comunidade e levar esse conhecimento aos alunos e jovens, prosseguindo nos esforços para que nossas crenças sejam cada vez mais conhecidas, praticadas e valorizadas pelo meu povo, o Povo Xokleng/Laklânõ.

Referências

CAXIAS POPÓ, Carli. **Cosmologia na visão Xokleng**. TCC. Licenciatura intercultural do Sul da Mata Atlântica. UFSC, 2015.

CREPEAU, Robert. Mito e ritual entre os índios Kaingang do Brasil Meridional. In: **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, ano 3, n. 6, p. 173-186, out. 1997.

NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região Sul do Brasil: arqueologia: debates e perspectivas - 1872-2000. **Revista USP**, n. 44, p.218-269, fev. 2000.